

A angústia e o medo de nos reduzirmos ao nosso corpo – uma volta a mais no caso Hans¹

Beatriz Oliveira

Resumo

O caso Hans se tornou paradigmático para o entendimento do que vem a ser a angústia e qual saída de que todo sujeito pode lançar mão para escapar disso: o desejo, pelas vias da palavra, do significante, que engendra um corte entre o sujeito e o Outro. Essa é a via que a psicanálise oferece para que o sujeito suporte esse encontro com o Real, na medida em que a angústia é o afeto que indica a presença da ausência da falta, em que algo ameaça ocupar esse lugar faltoso do espelho, sem imagem, causado pelo furo primordial, objeto causa subtraído no encontro com a linguagem. Nesta conferência, gostaria de avançar sobre o tema da angústia a partir dos anos 1970, quando Lacan não só formaliza o modo de gozo não todo fálico, mas ainda localiza no nó borromeu os três gozos: fálico, do Outro e o gozo-sentido. E o que me parece interessante desses avanços são as novas leituras que Lacan foi fazendo sobre o próprio caso Hans. Não se trata de invalidar as formulações anteriores, mas, sim, de trazer novas contribuições à própria clínica psicanalítica.

Palavras-chave:

Angústia; Caso Hans; Corpo; Gozo.

The anguish and the fear of reducing ourselves to our body – one more turn on the Hans case

Abstract

The Hans case has become paradigmatic for understanding what anguish is and the way out that every subject can use to escape it: desire, through the paths of speech, the signifier that creates a cut between the subject and the Other. This is the path that psychoanalysis offers so that the subject can endure this encounter

¹ Esta conferência fez parte de um ciclo de conferências promovidas pelo FCL-Pereira e pela Red Hispanohablante de Psicoanálisis com Niños y Adolescentes (Riphna). Foi apresentada em 11 e 12 de agosto de 2023.

with the Real, as anguish is the affect that indicates the presence of the absence of lack, where something threatens to occupy that lacking place in the mirror, without image, caused by the primordial hole, the object cause subtracted in the encounter with language. In this lecture, I would like to advance on the theme of anguish, starting from the 1970s, when Lacan not only formalized the mode of jouissance that is not-all phallic, but also located the three jouissances in the Borromean knot: phallic, the Other's, and *sens*. What I find interesting about these advancements are the new interpretations Lacan made about the Hans case itself. It's not about invalidating previous formulations, but about bringing new contributions to psychoanalytic practice.

Keywords:

Anguish; Hans case; Body; Jouissance.

La angustia y el miedo de reducirnos a nuestro cuerpo – una vuelta más al caso Hans

Resumen

El caso Hans se ha convertido en un paradigma para la comprensión de lo que es la angustia y cuál es la salida a la que todo sujeto puede recurrir para enfrentarse a ella: el deseo, a través de las vías de la palabra, del significante que engendra un corte entre el sujeto y el Otro. Esta es la vía que ofrece el psicoanálisis para que el sujeto soporte este encuentro con lo Real, en la medida en que la angustia es el afecto que señala la presencia de la ausencia de la falta, donde algo amenaza con ocupar ese lugar vacío del espejo, sin imagen, causado por el agujero primordial, objeto causa sustraído en el encuentro con el lenguaje. En esta conferencia, me gustaría avanzar en el tema de la angustia, a partir de los años 1970, cuando Lacan no solo formaliza el modo de goce no-todo fálico, sino que también localiza en el nudo borromeo los tres goces: fálico, del Otro y el goce-sentido. Lo que me parece interesante de estos avances son las nuevas lecturas que Lacan fue realizando sobre el propio caso Hans. No se trata de invalidar las formulaciones anteriores, sino de aportar nuevas contribuciones a la propia clínica psicoanalítica.

Palabras clave:

Angustia; Caso Hans; Cuerpo; Goce.

L'angoisse et la peur de nous réduire à notre corps – un tour de plus sur le cas Hans

Résumé

Le cas Hans est devenu paradigmatique pour la compréhension de ce qu'est l'angoisse et quelle est la solution à laquelle tout sujet peut recourir pour y faire face : le désir, par les voies de la parole, du signifiant qui engendre une coupure entre le sujet et l'Autre. C'est la voie que propose la psychanalyse pour que le sujet puisse supporter cette rencontre avec le Réel, dans la mesure où l'angoisse est l'affect qui indique la présence de l'absence du manque, lorsque quelque chose menace d'occuper ce lieu vide du miroir, sans image, causé par le trou primordial, objet cause soustrait lors de la rencontre avec le langage. Dans cette conférence, je souhaite approfondir le thème de l'angoisse, à partir des années 1970, lorsque Lacan formalise non seulement le mode de jouissance pas-toute phallique, mais localise également dans le nœud borroméen les trois jouissances : phallique, de l'Autre et le sens. Ce qui me semble intéressant dans ces avancées, ce sont les nouvelles lectures que Lacan a proposées sur le cas Hans lui-même. Il ne s'agit pas d'invalider les formulations antérieures, mais d'apporter de nouvelles contributions à la clinique psychanalytique.

Mots-clés :

Angoisse ; Cas Hans ; Corps ; Jouissance.

O caso Hans se tornou paradigmático para o entendimento do que vem a ser a angústia e qual saída de que todo sujeito pode lançar mão para escapar disso: o desejo, pelas vias da palavra, do signifiante, que engendra um corte entre o sujeito e o Outro. Essa é a via que a psicanálise oferece para que o sujeito suporte esse encontro com o Real, na medida em que a angústia é o afeto que indica a presença da ausência da falta, em que algo ameaça ocupar esse lugar faltoso do espelho, sem imagem, causado pelo furo primordial, objeto causa subtraído no encontro com a linguagem.

Nesta conferência, gostaria de avançar sobre o tema da angústia a partir dos anos 1970, quando Lacan não só formaliza o modo de gozo não todo fálico, mas ainda localiza no nó borromeu os três gozos: fálico, do Outro e o gozo-sentido. E o que me parece interessante desses avanços são as novas leituras que Lacan foi fazendo sobre o próprio caso Hans. Não se trata de invalidar as formulações anteriores, mas, sim, de trazer novas contribuições à própria clínica psicanalítica.

Em *A terceira*, ele dirá:

Do que temos medo? Do nosso corpo. É o que manifesta esse fenômeno curioso que nomeei angústia. A angústia é justamente algo que se situa em outro lugar no nosso CORPO. É o sentimento que surge dessa desconfiância que nos acomete ao nos reduzirmos ao nosso corpo... (Lacan, 1975/2022, p. 67)

Ora, como articular isso que Lacan está dizendo com aquilo que trouxemos ontem sobre a questão da angústia? Por que Lacan introduz a questão do corpo articulada à angústia? Para responder a isso, temos que dar uma volta pela questão do corpo e do campo do gozo.

A partir dos anos 1970, Lacan buscará cernir esse campo que se abriu com a própria entrada na linguagem: o campo do gozo. Ainda no *Saber do psicanalista*, dirá Lacan (1971-1972/2012, p. 36): “A dimensão inteira do gozo, isto é, a RELAÇÃO DESSE SER FALANTE COM SEU CORPO — pois não há outra definição possível do gozo — é nesse nível que está a questão.” Ou seja, o gozo se refere à relação do ser falante com seu corpo.

Este é o ponto: nesse ato de entrada na linguagem que trabalhamos ontem, há um efeito a mais que implica a relação do sujeito com seu corpo. Essa relação do sujeito com seu corpo é o que Lacan está nomeando como GOZO. Por isso ele já se pergunta desde o *Seminário 19*: “Onde é que reside o gozo? O que lhe é preciso?” UM CORPO, Lacan responde. “Para gozar, é preciso um corpo” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 19). É importante perceber que não estamos falando mais apenas do campo da linguagem como o que negativiza o lugar do sujeito, tal como Lacan formulou nos anos 1960, mas há também outro efeito além dessa mortificação, que fica positivado ali onde o significante fez marca: o gozo. O campo do gozo se torna, então, fundamental para entendermos o que anima, o que dá vida de fato a esse sujeito.

A partir do momento em que falamos, é fato que supomos algo naquilo que é falado. Esse algo, nós o imaginamos pré-colocado, embora seja certo que nunca o suponhamos senão *a posteriori*. No estado atual de nossos conhecimentos, é somente no fato de falar que se pode perceber que o que fala, seja o que for, é aquilo que goza consigo como corpo, o que goza com um corpo que ele vivencia como “tu”.

A psicanálise é o quê? É a demarcação do que se compreende de obscurecido, do que se obscurece como compreensão, em virtude de um significante que marcou um ponto do corpo. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 145)

O que funda e funde esse ponto no corpo é a função fálica, que funde o UM. Estou acompanhando, então, que é necessário que o vivente seja afetado pelo corpo simbólico, o qual, ao mesmo tempo, mortifica o vivente e o faz gozar a

partir de suas cicatrizes. No *Seminário 20*, com a expressão “substância gozante”, Lacan nos permite pensar no corpo do vivo, condição de gozo. Soler dirá que o corpo é o lugar de interseção entre o lugar do Outro e a “substância gozante”. Ela dirá que são as “cicatrizes do corpo” (Soler, 2013, p. 125) que evidenciam que algo do vivo não se mortifica com a linguagem. Lacan propõe que o gozo é efeito de uma operação da linguagem sobre o vivo, ou seja, não se trata apenas de um corpo afetado pelo significante, mas, sim, de um corpo afetado pelo gozo. O significante é a marca de gozo no corpo.

No entanto, não temos acesso ao que seria esse vivente, a não ser por suas cicatrizes, marcas da materialidade significante, contingência de gozo, as quais determinarão os modos singulares de gozo. Assim, o que Lacan vai apresentar no *Seminário 20* a respeito da divisão nos modos de gozo parece indicar qual é esse outro efeito da entrada na linguagem, para além da negatização ou corporificação. Há outro corte, não apenas entre o sujeito dividido e o resto, mas também no campo do gozo.

Vemos que, aqui, Lacan faz uma aproximação clara entre corpo e gozo, ao dizer que: “A substância do CORPO é aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isso, QUE UM CORPO, ISSO GOZA” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 35). E ainda: “ISSO só se goza por corporificá-lo de maneira significante” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 35). Trata-se, então, de um corpo-substância com que se goza a partir do próprio significante.

Ora, se acompanhamos que é necessário um corpo para que se goze, por que Lacan vai localizar a angústia justamente aí, no medo que teríamos de ficarmos reduzidos ao nosso corpo? O que significa “ficar reduzido ao corpo”? Seria estar reduzido ao gozo de um órgão sem o significante que o acompanha?

A partir das elaborações borromeanas, em que o corpo passa a ter consistência tanto quanto os outros registros, Lacan especificará que *ter um corpo* é resultante do enlaçamento ou não do Imaginário. Como dirá Sandra Berta (2020, p. 61): “O certo é que nesse *ter um corpo* se inscrevem as marcas — consistentes ou não — dessa forma falada porque o inconsciente vai deixando as *marcas-palavras*. Com isso se fabrica um corpo (...).”

Lacan parte, então, do fato de que a impossibilidade da relação sexual, esse furo estruturante dado de saída pela castração primária, é o que engendrará, por um lado, a insondável decisão do ser em relação à sua existência sob o imperativo significante que FUNDA e FUNDE o Um da identificação ao Outro, e, por outro, o ser sexuado, cuja única via de gozo está determinada pelo significante fálico. Assim, o gozo fálico é a via para todo ser falante afetado pelo significante.

A questão nova a partir dos anos 1970 é que, embora o gozo fálico esteja posto para todos os falantes, há outro modo de gozo que está para além do campo do significante, embora engendrado por esse: o campo não todo fálico:

A sexualidade está no centro de tudo que se passa no inconsciente posto que é uma falta, isto é, no lugar do que quer que se pudesse escrever da relação sexual, se substituem os impasses — aquele que a função do gozo sexual engendra — na medida em que aparece como essa espécie de ponto de miragem como sendo o gozo absoluto. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 22)

Ou seja, ainda que se suponha um gozo absoluto, haverá sempre um impossível, uma falta pela qual se situa o inconsciente.

Vejam que interessante o que Lacan dirá mais à frente:

Isso que estou expondo a vocês prende-se essencialmente à origem puramente topológica da linguagem. Essa origem topológica, penso poder explicá-la a partir de que ela está ligada a algo que chega ao ser falante pela vertente da SEXUALIDADE. Será que o ser falante é falante por causa de alguma coisa que sucede com a sexualidade, ou será que algo sucede com a sexualidade porque ele é falante? (Lacan, 1971-1972/2012, p. 93)

Acho fundamental acompanharmos o que Lacan está aqui trazendo com a questão da sexualidade, a qual se articula intimamente com a origem topológica da linguagem. O que isso quer dizer? Isso já estava posto desde que Lacan vai trabalhar a questão do corte engendrado pelo significante, o qual produz ao mesmo tempo o UM e o “a”, índice desse lugar vazio do ser. Ou seja, de saída não há Outro com que se possa fazer relação, isso já está perdido de saída, por isso a-sexuado. Essa é a única via para entendermos a não relação estrutural do sujeito com o Outro.

Não existe segundo sexo, a partir do momento em que entra em funcionamento a linguagem. Ou seja, o *heteros* (“outro” em grego) se esvazia como ser para a relação sexual. É precisamente este vazio por ele oferecido à fala que eu chamo de lugar do Outro, ou seja, aquele em que se inscrevem os efeitos da referida fala. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 93)

Assim dirá Soler (2011, p. 47): “Mas na falta de inscrição do Outro sexo está o sintoma, o que inventa o inconsciente para suprir a relação que falta e para perpetuar-se; é uma formação mista, onde se reúnem o elemento verbal do inconsciente (elemento simbólico — cadeia significante ou letra) com o elemento da substância gozosa.” Isso é que Lacan vai trabalhar no texto *Conferência em Genebra* e que veremos mais adiante.

“O que é dito gozo sexual (a-sexuado) é dominado, é marcado pela impossibilidade de estabelecer como tal, em nenhum lugar do enunciável, esse único UM

que nos interessa, o Um da relação sexual” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 18). “O SER é o GOZO do corpo como tal, como a-sexuado.”

Ou seja, gozar de um corpo-substância é gozá-lo de maneira significativa, o que implicará sempre uma impossibilidade de um gozo absoluto. É justamente quando algo nisso vem a falhar, ou quando a falta da falta se aproxima e poderemos ser reduzidos ao corpo sem o recobrimento da palavra, que a angústia aparece como sinal de alerta. Aqui, podemos localizar os desenvolvimentos de Lacan sobre o Real no nó, um Real fora do Simbólico que é sem Outro, fora do sentido do vivente. Dirá Soler (2011, p. 45): “Assim, a angústia, afeto detector que responde a cada advento do Real, é de maneira patente um sentimento de reduzir-se ao corpo, destituição subjetiva na vida sexual, mas também nos avatares da civilização.”

Voltemos ao caso Hans.

Izcovich dirá que

(...) é essencial captar que a cena traumática é caracterizada pelo fato de que o sujeito faz a experiência da separação entre o gozo e o corpo. Para ele, o caso Hans exemplifica isso. Antes do encontro traumático, seu corpo e seu gozo fazem um. O que é traumático é a introdução de uma hiância entre o corpo e o gozo, que o sujeito vai tentar suturar ao longo da vida. (Izcovich, 2009, p. 221)

Podemos localizar aqui o primeiro tempo, que eu chamo “pré-angústia”, em que Hans ocupava esse lugar identificado ao objeto fálico para sua mãe. O problema ocorre quando ele se depara com dois elementos desencadeantes da angústia:

1. O nascimento de sua irmã, que o desloca desse lugar que satura o desejo da mãe.
2. O gozo de seu órgão, seu *Wiwimacher*, o qual lhe advém como estranho *a posteriori*.

Esses elementos despertam a angústia justamente porque apontam o “fora de sentido” desse órgão. Assim dirá Lacan no *Seminário 22*:

(...) é isso que, do interior do corpo, ex-siste quando há alguma coisa que o desperta, que o atormenta. Vejam o pequeno Hans, quando se dá conta de ser sensível à associação com um corpo, um corpo de um gozo fálico. Se Hans se lança na fobia, é evidentemente para dar corpo (a partir da linguagem) ao embaraço que há neste falo e para o qual ele inventa toda uma série de equivalentes diversamente escoiceantes, sob a forma de fobia aos cavalos. (Lacan, 1974-1975/2022, p. 63)

Foi com a fobia, por meio da angústia, que ele procurou acomodar esse gozo.

Lacan localiza o gozo fálico no nó borromeano, na sobreposição entre Simbólico e Real, ou seja, fora do imaginário e do corpo. É nesse sentido que o sujeito experimenta os efeitos do gozo fálico como exterior a si. A relação do sujeito com seu corpo não é uma relação tranquila, mas de estranheza. O sujeito encontra a satisfação relacionada com o gozo fálico não em seu corpo, mas somente pela interposição do significante, em um fora do corpo. O gozo fálico é um gozo introduzido pelo falo como significante e tem como efeito elevar o órgão à categoria de significante, separando-o do corpo. Ele é tomado pelo sujeito como um gozo intrusivo, errante, que encontra a possibilidade de se amarrar às palavras. Nesse caso, a saída para a angústia reside na possibilidade de se amarrar às palavras e poder gozar disso. Essa operação que a fala permite é diferente de “ficar reduzido ao corpo”. Entendo essa expressão de Lacan como ficar submetido a um gozo do órgão enigmático, puro gozo. Por isso a saída para o ser falante é buscar uma amarração que faça sintoma ou uma fobia, como fez Hans.

Soler dirá que, quando

(...) se leva[m] em consideração esses dois lados, do Um e Outro, a fobia é isto, se produz na aproximação do Outro, do Real do Outro, ou seja, do Outro enquanto apresenta algo que é impossível de representar, ou melhor, algo que aparece fora da linguagem e fora do imaginário. Nessa aproximação, o que faz a fobia é que ela insere um significante. (Soler, 2012, p. 236)

Nesse sentido, é um significante que produz uma significação para o gozo do Outro, um gozo desconhecido, enigmático, que poderia vir a tampar a falta.

Desde o início de seu ensino, Lacan já dizia que, para a formação do sintoma, seria necessária a coalescência de duas séries de motivações: uma sexual e outra simbólica — “é o fator da fala tal como é assumido pelo sujeito” (Lacan, 1954-1955/1985, p. 176).

Em 1975, na conferência sobre o sintoma em Genebra, volta a dizer:

O fato de que uma criança diga *talvez, ainda não*, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através da água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincará, com os quais necessariamente ele terá que se desembaraçar. É isso o que lhe deixa essa atividade não reflexiva — os restos aos quais mais tarde — porque ele é prematuro — se agregarão os problemas do que vai lhe assustar. Graças a isto ele irá fazer a CO-ALESCÊNCIA dessa realidade sexual e da linguagem. (Lacan, 1975, inédito)

Quando Hans escuta de sua mãe que passar a mão em seu *Wiwimacher* é uma *porcaria* (coalescência entre o significante e o sexual), tem a confirmação, no simbólico, de um gozo enigmático e proibido. Ao mesmo tempo que a mãe acusa para o filho a presença de outro sentido, sexual, nesse seu gozo, ela o faz como mulher, evidenciando algo além da mãe. A partir daí, surge a fobia. Como dirá Lacan (1975, inédito): “o gozo que resulta desse *Wiwimacher* lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia”.

Eles se dizem — Mas o que é isso? E se dizem tão bem que o próprio menino Hans só pensa nisso – o encarna em objetos que são francamente externos, isto é, nesse cavalo que relincha, que dá coices, que salta, que cai no chão. Esse cavalo que vai e vem, que tem certo modo de deslizar-se ao longo dos trilhos arrastando sua charrete, é o que há de mais exemplar para ele daquilo que tem que enfrentar e sobre o qual NÃO ENTENDE NADA... (Lacan, 1975, inédito)

Assim, Hans dirá a respeito do surgimento de sua fobia: “Quando o cavalo da diligência caiu, me assustou muito, de verdade. Cairá e morderá.” Foi aí que ele diz que contraiu sua “bobagem” (*Dummheit*) Ao mesmo tempo, ele dirá que: “O cavalo tem um *Wiwimacher*, como eu.”

Podemos pensar que o “cavalo morde Hans”, proposição em que Hans entra como objeto para o cavalo (mãe), ao mesmo tempo que “Hans faz cair” (pai, cocô, Hanna), tal como o cavalo. É nessa coalescência entre a posição de “a” para o Outro e Sujeito que surge a fobia, sua bobagem.

A fobia cessará justamente quando Hans encontra uma solução, em que um encarnador lhe dá um *Wiwimacher* maior, como o do pai, ao mesmo tempo que ele dá ao pai um lugar junto à avó. Ele pode, assim, ter filhos com a mãe. Como dirá Soler:

Hans encontra-se num momento em que ele tem a maior incerteza, a maior interrogação sobre o que será como futuro homem. Isso pelo fato, ao mesmo tempo, da atividade do órgão, do discurso materno (a porcaria) e da posição do casal (não mantinham relações), ele se encontra aparelhado com um órgão sem uso copulatório prometido, embora (e isso é bem claro) o significante fálico não falte neste caso, tampouco o Nome-do-pai. O que falta situa-se do lado da significação copulatória do órgão. (Soler, 2012, p. 217)

Nessa saída que Hans encontra, de poder ter filhos, ainda que sua mãe seja a mãe deles, próprio da novela edípica, confere uma função ao órgão e a seu lugar

como futuro homem para uma mulher, o que o livra de ficar reduzido a esse “corpo”, angustiado, vagando com os cavalos, sem poder amarrá-los em algum lugar. Foi a função da fala e da linguagem que lhe permitiu uma amarração que o tirou da angústia e da fobia.

Referências bibliográficas

- Berta, S. (2020). Ser um corpo – ter um corpo: vicissitudes de um corpo e um vestido. In *Diagnosticar em psicanálise: 20 anos da Rede de Pesquisa sobre as Psicoses*. São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano.
- Izcovich, L. (2009). *El corpo y sus enigmas*. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana.
- Lacan, J. (1975). *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. Inédito.
- Lacan, J. (1985). *Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1954-1955)
- Lacan, J. (2012). *Seminário 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2010). *Seminário 20: encore*. Edição não comercial destinada aos membros da Escola da Letra Freudiana. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2022). *Seminário 22: R.S.I*. Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1974-1975)
- Lacan, J. (2022). *A terceira. Textos complementares*. Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1975)
- Soler, C. (2011). *Los afectos lacanianos*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Soler, C. (2012). *Declinações da angústia*. São Paulo: Escuta.
- Soler, C. (2013). *El en-cuerpo del sujeto*. Bogotá: G. G. Ediciones. Colección Estudios de Psicoanálisis.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024